MUSEU DO ZEBU

Ficha de Inventário do Acervo de Objetos

Identificação do Objeto



Número: 84.031 (b)
Coleção: Museu do Zebu
Categoria do Acervo: Utensílios Domésticos
Classificação: Objeto de utilidade doméstica
Título: Mão de Pilão
Data e Modo de Aquisição: 08.03.1984 / Doação
Código do Doador: 008
Data atribuída: Segunda metade do século XX
Origem: Uberaba-MG
Conservação: Bom
Dimensões: 134 Cm

Descrição e Dados Históricos do Objeto

Mão de pilão entalhada em madeira artesanal. Mede 134,3 cm, e encontra-se em ótimo estado de conservação. Peça integrante e fundamental para uso conjunto com o pilão, utilizado para socar grãos e alimentos dos mais variados tipos. Artefato primitivo de origem remota, o pilão de madeira, na época do Brasil-Colônia, já era utilizado na agricultura para socar alguns alimentos, tais como o milho e o café. Para sua confecção, utilizavam-se troncos de madeiras duras - como a maçaranduba, a peroba, a canela preta, o guatambu e o limoeiro - que eram escavados com fogo, e, sua haste (denominada mão de pilão), era feita com um pedaço aparelhado dessas madeiras. A altura de um pilão variava entre 30 e 70 Cm e, uma haste, media de 60 Cm a 1,2 m. No tocante à cultura rural brasileira, pode-se afirmar que quase todas as casas nas zonas rurais usavam algum pilão. Os pesquisadores afirmam que essa ferramenta deve ter sido copiada dos árabes. Em 1638, nos terreiros próximos às portas das cozinhas, já havia registro do emprego de pilões, nos preparos da farinha de mandioca e óleo de semente de gergelim, em substituição ao azeite de oliveira. Atualmente, com o grande desenvolvimento tecnológico, outras máquinas, motorizadas ou elétricas, vieram substituir aqueles aparelhos, tornando mais fácil a vida das pessoas. No artesanato nordestino, é possível se encontrar pilões de madeira, de barro, de pedra sabão, de chifre de boi, em feiras livres, mercados públicos ou lojas de objetos artísticos. O pilão intermediou as trocas alimentares entre os indígenas, africanos e europeus, a união de vários caminhos e experiências de vida, de etnias, de culturas, e a miscigenação de gostos, formas e aromas. Apesar de ultrapassado, em decorrência dos avanços tecnológicos, aquele utensílio continua presente no imaginário popular brasileiro. Foi doado ao Museu do Zebu em 08 de março de 1984 por Sebastião Faleiros de Aguiar, a quem pertenceu durante os anos em que sua família alentava ligação com a prática da agropecuária tradicional na região do Triângulo Mineiro. Tal objeto possui relevância histórica para a ABCZ e o Museu do Zebu devido à sua tradição milenar e, como é o caso desse item museológico, a ligação que possui com o meio rural e as suas mais variadas tradições culturais, que, não obstante, também foram de uso expressivo

nos meios rurais que caracterizaram a vida e o trabalho nas antigas fazendas ligadas à pecuária e à zebuinocultura.